CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Bernardo Sasseti – A Música como Ficção
27 de Janeiro de 2022

UM AMOR DE PERDIÇÃO / 2008

um filme de MÁRIO BARROSO

Realização: Mário Barroso / **Argumento:** Carlos Saboga, livremente inspirado em *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco / **Fotografia:** Mário Barroso / **Som:** Pedro Melo / **Montagem:** Francisco Garcia da Silva, Rui Mourão / **Música:** Bernardo Sasseti / **Direcção Artística:** Isabel Branco / **Interpretação:** Tomás Alves (Simão Botelho), Patrícia Franco (Rita Botelho), Ana Moreira (Teresa de Albuquerque), Catarina Wallenstein (Mariana da Cruz), Willion Brandão (Zé Xaxier), Virgílio Castelo (João da Cruz), Rafael Morais (Manuel Botelho), Ana Padrão (Preciosa Botelho), Rui Morrison (Domingos Botelho), Manuel Mesquita (Baltasar), Alexandra Lopes (Bé), Francisco Nascimento (Encenador), Carlos Alberto (Guarda), Diogo Roque (Romeu), Beatriz Batarda (voz *off* – Rita).

Produção: Clap Filmes, Leopardo Filmes, Plateau Produções / **Produtor:** Paulo Branco / **Direcção de Produção:** Ana Pinhão Moura / **Cópia:** em 35 mm, cor / **Duração:** 84 minutos / **Primeira Exibição Pública:** 13 de Agosto de 2008, Festival de Locarno / **Estreia em Portugal:** 23 de Abril de 2009 / **Primeira exibição na Cinemateca.**

com a presença de Mário Barroso

Simão: Não deve custar a morte a quem tiver o coração tranquilo. Não importa se nada há além desta vida. Ao menos, morrer é esquecer. Não tenhas saudades da vida, não tenhas, ainda que a razão te diga que podias ser feliz se não me tivesses encontrado no caminho por onde te levei à morte...

in Amor de Perdição, Camilo Castelo Branco

“Vivemos todos uns ao lado dos outros. As famílias são todas assim?”

dos diálogos do filme

Este é mais “Um” *Amor de Perdição*. “Um”, entre muitos outros possíveis como indicia o artigo indefinido que precede o título da obra de Camilo Castelo Branco, de que parte do filme de Mário Barroso. Abre-se assim a porta a um universo alargado de possibilidades e a toda uma liberdade do que se poderia considerar uma adaptação de uma obra escrita no século XIX, que é enunciada desde a sequência inicial: a da violenta entrada de um bando de delinquentes no ginásio de um colégio, encabeçada por aquele que será o protagonista do filme, que não apenas interrompe uma aula de teatro para agredir o professor, mas também as práticas sexuais entre adolescentes que se desenrolam às escondidas por debaixo do palco.

Esta é assim uma clara transposição de *Amor de Perdição* para a contemporaneidade, sobrepondo-se várias camadas, em que as jovens personagens se guiam pela leitura do grande clássico Camilo, que parece conduzir o destino de Simão Botelho. Obra

manifestamente anacrónica face ao tempo presente, sobre a qual, como ele, sabemos como a célebre história de tal amor proibido acaba.

Afastando-se das adaptações anteriores ao cinema (antes da de Manoel de Oliveira houve a de Georges Pallu (1921) e a de António Lopes Ribeiro (1943)), como não poderia deixar de ser, é à de Oliveira que Barroso frequentemente se refere. Colaborador na direcção da imagem de vários filmes de Oliveira, Mário Barroso interpretou ainda o magnífico Camilo Castelo Branco que protagoniza o *O Dia do Desespero* (1992). Imbuído mais uma vez do espírito de Camilo, não deixa de fazer com este filme uma homenagem a Oliveira, como aliás chegou a afirmar.

Em 1978 Oliveira prosseguia com **Amor de Perdição** a sua tetralogia dos amores frustrados, terceiro capítulo de quatro, que se encerraria com **Francisca**. Se o filme de Oliveira consistia numa adaptação literalíssima do texto de Camilo centrada na história do amor impossível entre Simão Botelho e Teresa Albuquerque, Mário Barroso desloca o centro da narrativa para Simão, para a sua rebeldia e propensão para a autodestruição. Para a “história de um louco”, como tantas vezes é chamado mesmo pelos mais próximos, que se revela naturalmente propenso a um deslocado “amor louco”.

Este Simão e esta Teresa estão predestinados a morrer jovens, o encontro apenas o precipitou. Teresa é a “causa” que faltava à “rebeldia” de Simão. Em conflito aberto com as suas famílias (as famílias ricas da história, com os problemas de comunicação, relações incestuosas e uma manifesta infelicidade), sobressai a história de Simão, cuja obstinação e excesso conduzirão inevitavelmente à violência e à morte. Simão anuncia-se como um anjo negro predestinado a matar e a morrer e Mariana (Catarina Wallenstein) foi a primeira a pressenti-lo.

Não encontramos em **Um Amor de Perdição** a teatralidade da representação dos actores de Oliveira, que Barroso tão bem conhece, mas um naturalismo que contrasta com a presença fantasmática de uma personagem como a de Teresa Albuquerque (Ana Moreira), acentuada pela música de Bernardo Sasseti. E é notável o trabalho desenvolvido com tantos jovens actores, de Tomás Alves (Simão) a Ana Moreira e Patrícia Franco (a sua muito jovem irmã Rita), Willion Brandão, ou Catarina Wallenstein (um ano antes do **Singularidades de Uma Rapariga Loira**, de Oliveira), que não ficam atrás dos veteranos Rui Morrison, Ana Padrão ou Virgílio Castelo.

Como disse Mário Barroso, “O meu filme é, antes de tudo, uma homenagem a Manoel de Oliveira, com quem trabalhei muito tempo. Ao ler o livro pela terceira vez, decidi distanciar-me da história de amor e centrá-la mais na questão da revolta. É um Romeu e Julieta sem Julieta”. Um Romeu sem Julieta, num filme em que há mesmo uma encenação de “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare. Representação dentro da representação, que anuncia o desfecho trágico deste **Um Amor de Perdição**. “Um” entre todo um universo de possibilidades.

Joana Ascensão